

COMENTÁRIO BÍBLICO

24º Domingo Comum – Ano A

13set2020

Êxodo 20, 1-20; Salmo 19,8-15; Romanos 14,5-12

S. Mateus 18,21-35

²¹Pedro aproximou-se então de Jesus e fez-lhe esta pergunta: «Senhor, quantas vezes devo perdoar ao meu irmão, se ele continuar a ofender-me? Até sete vezes?» ²²Jesus respondeu: «Não até sete, mas até setenta vezes sete!

²³Por isso, o reino dos céus pode comparar-se a um rei que decidiu arrumar as contas com os seus administradores. ²⁴Quando começou a conferir as dívidas, trouxeram-lhe um que lhe devia uma enorme quantia. ²⁵Como este não tinha com que restituir, o rei deu ordens para que ele, a mulher e os filhos, e tudo quanto tinha, fossem vendidos para pagar a dívida. ²⁶O tal homem pôs-se então de joelhos diante do rei e pediu: “Tem paciência comigo que eu vou restituir tudo.” ²⁷O rei teve tanta pena dele que lhe perdoou a dívida e o deixou ir em liberdade. ²⁸Mas quando este mesmo homem ia a sair, encontrou um colega que lhe devia algumas moedas. Deitou-lhe as mãos ao pescoço, começou a afogá-lo e dizia: “Paga-me o que me deves!” ²⁹O companheiro lançou-se-lhe aos pés e suplicou: “Tem paciência comigo que eu vou restituir tudo.” ³⁰Mas o outro não quis esperar. Pelo contrário, mandou meter o companheiro na cadeia até pagar a dívida.

³¹Quando os outros colegas viram o que se tinha passado ficaram muito tristes e foram contar tudo ao rei, seu senhor. ³²Então o rei mandou chamar esse administrador e disse-lhe: “Servo malvado! Eu perdoei-te a dívida toda, porque mo pediste. ³³Não devias tu ser compreensivo para com o teu companheiro como eu fui compreensivo para contigo?” ³⁴E o rei ficou tão zangado com aquele servo que o meteu na prisão para ser castigado, até restituir tudo quanto devia.

³⁵Assim também vos há-de tratar o meu Pai do Céu, se cada um de vocês não perdoar de boa mente ao seu irmão.»

1. No Evangelho de hoje, Jesus aborda de novo a questão do perdão, mas, desta vez, na decorrência da pergunta de Pedro: «Senhor, quantas vezes devo perdoar ao meu irmão, se ele continuar a ofender-me? Até sete vezes?». A resposta de Jesus é singular: «Não até sete, mas até setenta vezes sete!». Isto é, o perdão que Jesus defende não está na quantidade, mas na natureza do perdão. Na perspetiva cristã o perdão é algo que transcende a mera contagem das vezes que se perdoa. Não se pode ficar a contar as vezes que se perdoa, pois, ninguém pode traçar os limites ao perdão. Só a partir daí se pode dizer que a amplitude e a profundidade do perdão para Jesus exclui liminarmente a necessidade de vingança.

2. E Jesus contou uma parábola. Um rei que decide acertar contas com os seus administradores e descobre que um deles era seu devedor de uma enorme quantia. Perante a intenção do rei em cobrar-lhe a dívida pelos modos de então (vendê-lo mais a sua esposa, filhos e os seus pertences) o devedor, que não tem como pagar, suplica por uma moratória (“Tem paciência comigo que eu vou restituir tudo.”). O rei compadece-se do devedor de tal maneira que vai mais

longe do que lhe foi pedido. Tocado por um sentimento de misericórdia perdoa-lhe a dívida e manda-o embora, livre. A consciência do seu estado de devedor e o seu clamor por tempo para pagar levou a que o rei o perdoasse. Deixou de ser devedor. Que bela imagem da relação entre Deus e o homem. Quando em nós existe a consciência de que somos devedores a Deus sentimos que estamos perdoados e isso melhora o nosso estado de vida.

Porém, o mesmo homem, que deixou de ser devedor porque foi perdoado, não abdica da sua condição de credor de um seu companheiro por uma dívida insignificante em relação à dívida perdoada. Ouve do seu devedor a mesma súplica que fez ao rei (*“Tem paciência comigo que eu vou restituir tudo.”*), mas, insensível ao pedido, manda prendê-lo até que pague a dívida. Ora, o rei toma conhecimento deste ato desumano, convoca o devedor perdoado e faz-lhe a pergunta que é o centro da questão: *“Não devias tu ser compreensivo para com o teu companheiro como eu fui compreensivo para contigo?”*. Volta atrás e manda prendê-lo até que pague tudo que lhe deve.

E Jesus termina com uma sentença que merece toda a nossa atenção: *«Assim também vos há-de tratar o meu Pai do Céu, se cada um de vocês não perdoar de boa mente ao seu irmão.»*. Isto é, cada um de nós receberá de Deus o tratamento que usarmos com os outros. Ou, de outra forma, o comportamento de cada um com os outros é a medida do comportamento de Deus para com cada ser humano. Este é um critério fundamental para determinar como há-de ser o nosso comportamento ético. Não esqueçamos que o domingo, como celebração semanal da ressurreição, a Eucaristia, como renovação da vida batismal, a Oração Dominical (o Pai-nosso), tudo converge para a questão do perdão. E esta baseia-se na aceitação consciente do perdão de Deus, envolvente e infinito, e no acolhimento dos outros, ou seja, o respeito, a tolerância, a estima, a capacidade de perdão que cada ser humano tem para com as pessoas com quem convive.

3. Atentemos no poema do poeta José Gomes Ferreira, relacionando a famosa sentença de Hamlet com o conhecido princípio de Descartes, citado pelo Pe. Vítor Gonçalves: *“Para além do “ser ou não ser” dos problemas ocios, / o que importa é isto: / - Penso nos outros. / Logo existo.”*. É bom que nos apercebamos que em Jesus Cristo a religião (*religare*) liga-nos a Deus e também uns aos outros, pois, o que melhor nos identifica como ‘ser humano’ é o cuidado com todos e com a própria criação. Ora, o perdão é a pedra de toque duma vivência que nos predispõe a aceitar o outro como parte duma mesma comunidade. Só assim descobrimos o caminho para encontrar Deus nos outros. Como alguém disse, não nos salvamos sem os outros e sem descobrir com eles a verdade.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana